



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

| TÍTULO DO TRABALHO  |                               |       |           |
|---|-------------------------------|-------|-----------|
| <b>“Aí pagar o pato, vai pegar no Leme um dia”: Cultura, Teatro e Cinema nas ações do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME, notas entre convergências e contradições</b>   |                               |       |           |
| AUTOR   | INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)     | Sigla | Vínculo   |
| <b>Nicolas Alexandria</b>   | Escola de Teatro Martins Pena | ETMP  | Professor |
| RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)  |                               |       |           |
| <p>O objetivo deste trabalho é problematizar as ações fundamentadas na prática cultural e numa proposta de efetivação do núcleo de antropologia do teatro, dentro do trabalho coletivo do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME. A análise traça a trajetória das ações pensadas e desenvolvidas por um grupo de professores, no que diz respeito às questões culturais que se materializaram na utilização do cinema e numa proposta de estudo teatral formulado a partir do materialismo histórico. Ou seja, trata-se de um investimento de caráter descritivo-analítico, de base dialética, que tentará dar conta de um processo que não se limitou a criar um cenário para ação. A retomada avaliativa da tentativa de utilizarmos ações culturais numa perspectiva de intervenção sobre o real, que agregasse entorno de um grupo de professores alunos em processo de conscientização sobre sua condição social de trabalhador, e desvelasse a precarização do oferecimento do ensino superior, sob condições alienantes de reprodução do capital na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC, foi o propósito da nossa ação cultural. Mas, imersos nas contradições da ação política-ideológica fomos instados a nos envolvermos numa luta direta com agentes do Estado burguês, e nos vimos enredados com os aparelhos repressivos deste mesmo Estado. A plena compreensão do percurso que amalgamou estratégias de luta, trabalho intelectual e, sobretudo, solidariedade de classe é o que nos motiva a esta análise, procurando pontos de convergências e estofos críticos para continuidade da nossa ação como professores comprometidos com a compreensão da lógica de funcionamento da sociedade capitalista e da especificidade da educação e da cultura na busca da sua superação. Desta feita, “aí pagamos o pato, e pegamos no leme”, numa lembrança em paráfrase a Bertolt Brecht.</p>                          |                               |       |           |
| PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)   |                               |       |           |
| Produção cultural – Trabalho intelectual – Ação política – Teatro – Cinema  |                               |       |           |
| ABSTRACT  |                               |       |           |
| <p>The aim of this paper is to render problematic to the actions established with the cultural practice and also the proposal of creation the Anthropology Theater Center, with the collective work at the LEME (Education and Marxism Studies Laboratory). The analysis presents the trajectory of the thoughts and developed actions, made by a group of teachers, related to cultural issues that become real with the use of the cinema and in a proposal of theater studying, based on historical materialism. In other words, it discourses about an effort of descriptive-analytical character, based in Dialectics, which will try to manage the process that was not limited to create a background for the action. The valuation retaking of the attempt in using cultural actions to interfere in the reality, that would aggregate around a group of teachers, students in course of acquiring knowledge about their social condition as a worker, and disclosed the precarious offer of higher education, under alienating conditions of the capital reproducing at the Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC, that was the goal of our cultural actions. But, absorbed by the contradictions of the political-ideological action, we were pressed to take part in an explicit struggle against the agents of the bourgeois State, and we saw ourselves becoming entangled by the repressive forces of the same State. The absolute understanding of the trajectory that united the fight strategies, headwork and, principally, classes solidarity is the aim of this analysis. In search of convergence points and critical basis to go on in our function as teachers engaged on the understanding of the logics functioning of the capitalist society and the specificity of the education and culture in the search of its victory. Thus, “we carry the can, and hold the rudder”, in a paraphrase of Bertolt Brecht.</p> |                               |       |           |
| KEYWORDS  |                               |       |           |
| Cultural Production – Intellectual Work – Political Action – Theater – Cinema   |                               |       |           |

## **Introdução**

Apesar de incorporadas várias advertências sobre as dificuldades de lidarmos com categorias explicativas de inspiração crítica, e em certa medida de estarmos a bem pouco tempo cercados por uma orientação marxista, insistimos, em outras palavras, em dar importância a crenças sociais e políticas, tomando-as como uma espécie de bruma, como “ideologias”; observando-as sem contudo perceber o seu poder de nos afetar enquanto docentes, em relevância: o *patrimonialismo* e o *clientelismo*. Mas diante de interesses de grupos e frações de classe enfrentamos a nossa própria inexperiência.

No curso dos investimentos críticos sobre a relação entre produção cultural e educação, e especificamente sobre tomar o teatro e o cinema como instrumentos da ação política, não conhecemos, ainda, estudos dedicados às facetas da *pequena política* (Gramsci, 2000). Mais ainda, aparentemente este objeto não têm sido considerado como relevante para a compreensão de nossa sociedade; ao contrário do que apontam estudos clássicos de análises sociológicas, que estabelecem em longo curso esse problema. Podemos perceber isto, por exemplo, no texto de Stuart B. Schwartz, que centra como tese os enlaces familiares entre os latifundiários locais e os magistrados na Bahia; importante objeto de estudo devido a grande dimensão que este expediente assumiu na estrutura social e cultural brasileira<sup>1</sup>. É óbvio que não podemos esquecer como esta lógica está incorporada ao sistema capitalista entre nós e as suas especificidades. Este problema atraiu a atenção e orientou a cuidadosa reflexão de uma das componentes do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação - LEME, Glória de Melo Tonácio<sup>2</sup>, uma das mais atuantes.

Neste trabalho, contudo, não trataremos desse problema central, mas daremos foco aos primeiros passos que estruturou um grupo de pesquisadores interessados em produção cultural. Algumas questões: Qual a relação intrínseca entre trabalho docente, produção cultural e história, e como tem sido construída uma possível legitimidade acadêmica para a pesquisa e a extensão na rede da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC? Como têm se desenvolvido um certo espelhamento entre a lógica *clientelista* da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC e as adversidades para se estabelecer atividades de pesquisa e extensão nesta rede de ensino? Não se pode dizer que tais questionamentos sejam novidades. De certa forma, mesmo que não explicitamente, temos discutido essas questões ao longo

---

<sup>1</sup>. SCHWARTZ, Stuart B. Sociedade e Burocracia no Brasil Colonial. O Tribunal Superior da Bahia e seus desembargadores (1609-1751). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>2</sup>. TONÁCIO, Glória de Melo. O processo de criação do curso normal superior no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ e sua adequação em curso de Pedagogia: a tradição como farsa. Orientador: Roberto Leher. Tese de doutorado em educação. Faculdade de educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2011.

da organização do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação - LEME<sup>3</sup>, e em outros espaços acadêmicos dedicados às áreas de ciências sociais e educação<sup>4</sup>.

Tais questionamentos se ligam diretamente às discussões em torno da validade de nossa atuação na política docente, da intersecção entre cultura e educação, de sua 'validade' para a compreensão da luta dentro da formação de professores e da formação de atores, de sua 'potência' para a compreensão da lógica perversa de sucateamento da educação pública no Estado do Rio de Janeiro. Discussões relevantes para que possamos 'redimensionarmos o risco' de nos expormos a perseguição política e suas nefastas punições. Isto é, procuramos novos olhares e novos diálogos para nossa atuação como grupo tanto acadêmico como político, para inseri-los no debate maior e urgente de crítica da sociedade de classes e das suas determinações históricas.

Aqui, desta feita, não temos em si a pretensão da prescrição, tampouco de oferecer uma visão onisciente. Faremos, com ressalvas, a descrição de investidas, buscando novos *cenários* e perspectivas para lançar novas luzes sobre o atual momento do nosso enfrentamento. Inicialmente procurei remontar as primeiras iniciativas que ainda não tinham agregado um grupo atuante<sup>5</sup>. Por seu turno, defini as duas grandes propostas para o teatro e o cinema com o Cineclube Galinho do Barão – CGB e o Grupo de Estudos sobre Antropologia Teatral e Antropologia do Teatro<sup>6</sup>. Por fim, procurei contrastar nossa luta política com o processo de dispersão do grupo de professores em outras instituições para além da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC<sup>7</sup>. Nesta comunicação, apresento uma síntese das nossas ações, para apresentar o mais próximo da realidade possível à dimensão histórica de uma busca de institucionalização lograda<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup>. Nosso esforço de organização política remonta ao início do concurso público aberto para FAETEC em 2004 e vem se intensificando desde da nossa posse em 16/08/2005.

<sup>4</sup>. Por exemplo, nos Encontros da Associação Brasileira de Antropologia – ABA e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED.

<sup>5</sup>. Essa primeira tentativa foi o Grupo de Estudos Relações Interculturais na Formação de Professores – GURI, criado no âmbito do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, ligado à Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC.

<sup>6</sup>. Em duas oportunidades essas propostas foram apresentadas à FAPERJ, sem no entanto terem sido contempladas com recursos.

<sup>7</sup>. O Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME no seu início contou com a atuação direta de: André Malina, Ângela Maria Roberti Martins, Claudia Lino Piccinini, Glória de Melo Tonácio, Marcus Ajurum de Oliveira Dezemone, Nicolas Alexandria Pinheiro, Rosa Maria Correa das Neves e Valeria Rosito Ferreira. Ressalvamos o fato de alguns componentes do Grupo - mesmo assumindo uma postura orgânica de atuação - não estarem diretamente vinculados às análises marxistas de compreensão da realidade. Hoje o Grupo está disperso nas seguintes instituições: UFRJ, UFMS, UFRRJ e Colégio Pedro II.

<sup>8</sup>. Podemos dizer que mais que um relato de experiências, temos observado um crescimento autoritário de controle e negação direcionado as propostas de pensar criticamente o trabalho docente através da cultura.

## *A criação do Grupo de Estudos Relações Interculturais na Formação de Professores - GURI*

### **Ainda longe de uma proposta marxista**

Podemos considerar o desenvolvimento desse primeiro momento como uma proposta marcada, além de suas diferentes características, por uma tentativa gregária no universo ainda disforme e sem aproximação ideológica dos professores concursados para o ensino superior na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC.

A proposta de trabalho do grupo visava uma problematização da relação entre produção cultural e produção do conhecimento na Formação de Professores. O recorte teórico-metodológico se baseou na Antropologia, na História e na Literatura, buscando um debate interdisciplinar para elucidação de questões postas por espaços formais e não-formais de educação em relação à memória social, às sociabilidades, às trajetórias sociais, aos rituais e às ações simbólicas derivadas da dinâmica faustosa. Privilegiamos a instituição da festa e da festividade como dimensões estruturantes da formação de professores, bem como a reflexão crítica sobre o pragmatismo e o relativismo no conhecimento e nas relações interculturais e curriculares, tanto de um ponto de vista epistemológico como sócio-histórico.

Esta primeira iniciativa foi proposta numa reunião no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ no dia 17/03/2006. É possível atentarmos para o caráter embrionário da proposta ainda longe de uma perspectiva definida dentro do marxismo. Nesse momento, numa situação de completa indigência institucional, a proposta de um grupo de estudos tinha entre outros motivos construir uma dignidade mínima para uma atuação no ensino superior. Dentro das opções de leitura destacou-se o livro de Mikhail Bakhtin *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*<sup>9</sup>, primeira leitura que interessou os professores dispostos a pensarem a relação entre produção cultural e educação. Tínhamos nossas preocupações voltadas para os aspectos históricos das atividades festivas, com ênfase nas compreensões e abordagens da cultura popular na escola. Bakhtin mereceu destaque, pela natureza de suas preocupações com o contexto faustoso e por sua contribuição para as questões da filosofia da linguagem.

É importante esclarecer que a preocupação básica de Bakhtin com a questão da linguagem possibilitou uma primeira aproximação entre professores com formação em áreas distintas, tais

---

<sup>9</sup>. No primeiro concurso público para o ensino superior da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC, no ano de 2004, foram empossados, a princípio, 16 professores com lotação no Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro – ISERJ, em 16/08/2005. Posteriormente foram chamados mais 09 professores que completaram o quadro com todos os 25 professores aprovados no concurso público.

como: antropologia, história, educação, educação física e literatura.<sup>10</sup>. Ou seja, buscávamos subsídios para nossa inserção na grade curricular do curso superior do ISERJ através de assuntos que manifestadamente era de nosso interesse, para defendermos a utilização de um instrumental teórico crítico. Com essa iniciativa, qual seja: discutirmos as festas e as festividades no debate da Antropologia, da Literatura e da História, e ao mesmo tempo as definirmos como sociabilidades, rituais e ações simbólicas materializadas - na festa - como expressão cultural e educacional. Tivemos também a preocupação com as manifestações da festa: na política, na religião e como espetáculo. As manifestações também da festa: no esporte, na competição e na comemoração. A linguagem festiva: ironia e escárnio. O êxtase faustoso: orgias, libações e boêmia. As festividades e os espaços destinados às crianças. A escola como espaço de interação festiva. O caráter pedagógico da festa. O trabalho, a paixão e o lúdico como estruturadores da festa. A relação lúdico/emoção e produção de conhecimento. O corpo e movimento no espaço-tempo da festa. O calendário pedagógico e o calendário festivo. A produção da festa na escola. Com isso desencadeamos as primeiras resistências a novas propostas, sobretudo pelo embate que começava a se instaurar entre os professores concursados para o ensino superior e as professoras da educação básica que estavam em situação irregular como desviadas de função, fato já estudado em (Tonácio, 2011). O problema do desvio de função no contexto do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ tem um caráter estrutural que evidencia um clientelismo atávico com ramificações entre projetos políticos partidários e atividades da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – ALERJ (ibid.). Tais preocupações explicitam bem os desdobramentos que viemos a enfrentar dos acontecimentos políticos, encarados enquanto uma disputa entre frações da classe trabalhadora, que serviram para legitimar e instrumentalizar uma perseguição política *feroz*..

As leituras empreendidas nesta atividade docente da obra de Mikhail Bakhtin, que muitas vezes é desconsiderada como uma fonte de iniciação ao debate do marxismo, devido ao seu caráter explícito da complexidade dialética e ligação a uma tradição marxista e não a uma tradição marxiana, lançou as bases de uma abordagem crítica que, com idas e vindas, reorientou nossos estudos para: a vinculação irrestrita da produção acadêmica a luta política; a perspectiva de aproximação a uma radicalização de propostas contrárias ao curso do estabelecido na rede da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC; o debate acadêmico como ponto de partida para elucidar e compreender algo já previamente estabelecido como de forma irreversível; a preocupação com o levantamento de documentos, pareceres, ofícios, matérias de imprensa que deram uma ordem ao caos do funcionamento do curso superior ao qual nos engajamos; o entendimento da impossibilidade de vermos separadas cultura e educação. Com isso,

---

<sup>10</sup>. A partir do Grupo de Estudos Relações Interculturais na Formação de Professores - GURI foi possível propormos uma disciplina eletiva intitulada Produção Cultural e Educação: Festas e Festividades.

seguir em avanço contra uma história pautada única e exclusivamente - até aquele momento - na junção de memórias e experiências de professoras da educação básica desviadas de função no ensino superior; uma história oficial estruturada somente na oralidade, e presa à lógica institucional interna, escolhida como possibilidade de vínculo a uma periodização extemporânea que remontava a década de 1950; uma história traçada superficialmente numa argumentação de pioneirismo, que incorporava num interesse privado de algumas professoras a própria memória institucional. Trunfo que permitiu, dentro do *jeitinho brasileiro*<sup>11</sup>, esquentar currículos de algumas professoras desviadas de função, e possibilitar entradas na Universidade pública através de concurso.

Numa perspectiva de concessão, podemos considerar que essa produção ideológica de legitimação do *status quo* de desviadas de função tem forte influência do princípio de luta política, mas ainda sob a égide do clientelismo, relegando à História uma função memorialista e romântica. Portanto, o que fizemos foi um movimento de redimensionamento da percepção da história, deslocando o ponto de vista para o marxismo nos termos marxianos em que <<os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado>>. <sup>12</sup>. Mas até esse momento essa perspectiva é apenas sugestiva para o nosso grupo. Assim, de alguma maneira é compreensível que muitos de nós ainda não compreendesse de forma absoluta a possibilidade da autonomia dentro de princípios de determinação histórica e econômica<sup>13</sup>.

Vale ressaltar que, nesta época, já havíamos feito o movimento de institucionalizar nossa proposta de grupo fora do âmbito da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro - FAETEC. Tais iniciativas se deram com intuito de inserção nos circuitos acadêmicos como forma de circularmos os problemas que havíamos identificado já naquele momento.<sup>14</sup> Na medida da nossa procura por espaços críticos para nossa inserção, tivemos notícia do II Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo - EBEM, que teve como tema: Marxismo, Concepção e Método, ocorrido na Universidade Federal do Paraná - UFPR de 06 a 08 de agosto de 2006. Esse recorte expressou uma mudança nas nossas preocupações e gerou uma iniciativa de novas leituras. O investimento se voltou para textos do próprio Marx, contidos nos Manuscritos Econômicos Filosóficos.

---

<sup>11</sup> Entendido aqui nos mesmos termos de Roberto da Matta no já clássico estudo: *Você sabe com quem está falando?* Como transgressão institucionalizada que privilegia a esperteza, ou seja, a personalização das relações pessoais. DA MATTA, Roberto. *Você sabe com quem está falando?* Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: Carnavais, Malandros e Heróis, 1990, Editora Guanabara, Rio de Janeiro.

<sup>12</sup>. MARX, Karl. O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997..

<sup>13</sup>. Nesse interregno começamos a nos preocuparmos com leituras marxianas e não marxistas simplesmente.

<sup>14</sup>. Data de 25/07/2006 a inscrição do Grupo de Estudos Relações Interculturais na Formação de Professores – GURI no GT 08 de Formação de Professores da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, dentro do I Simpósio dos Grupos de Formação de Professores no Brasil ocorrido na Puc de São Paulo.

Essas leituras abriram novas perspectivas, sobretudo de agregação ideológica entre os componentes do grupo. Os professores, no entanto, não pareciam querer defender ou declarar-se vinculados a um grupo de marxistas, mas simplesmente somar forças na luta de oposição a estrutura de poder no ensino superior no Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro – ISERJ. Ou seja, estruturar laços de solidariedade como anteparo as represálias advindas, sobretudo das desviadas de função e suas vinculações de apadrinhamento na esfera do legislativo. Uma postura em nada desalinhada com a possibilidade de consciência possível do grupo. Com certeza, esta escolha, ligada diretamente aos textos de Marx, e alinhada a uma tradição de estudos marxianos levou o grupo a perceber uma seara que estava sendo cultivada por outros grupos no Rio de Janeiro, tais como: O Laboratório de Estudos Marxistas – LEMA da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e o próprio Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Marx e o Marxismo – NIEP-MARX da Universidade Federal Fluminense – UFF. Nesse circunstancial encontro vimos nossas preocupações como possíveis de serem tratadas academicamente para futuros registros escritos.

Durante o ano de 2007, surgiu a necessidade de definirmos um recorte ideológico, então participamos de pelo menos quatro debates organizados pelo Laboratório de Estudos Marxistas – LEMA da UFRJ em conjunto com o Grupo de Estudos Marxistas – GEM da Universidade Federal Fluminense - UFF nos meses de maio, junho e julho sobre: trabalho, alienação, cultura e revolução. Observamos nesses encontros uma definição muito clara da vinculação entre produção acadêmica do conhecimento e a ação política. Numa avaliação posterior dos nossos investimentos, e do abismo que existia entre nós sobre a compreensão do arcabouço teórico e metodológico do marxismo, e mesmo dos textos marxianos, conseguimos um ponto de referência comum a partir da palestra da Profa. Virgínia Fontes no encontro sobre o tema *Revolução*. A partir da citação de Marx: **“O estudo de qualquer sociedade deve partir das relações sociais que os homens estabelecem entre si”**, pudemos nos ancorar numa imaginação sociológica que evidenciou a fragilidade de amálgama do grupo, em virtude de idiossincrasias de formação acadêmica. O ponto positivo foi o passo adiante em termos de definição do grupo como vinculado ao marxismo e passamos a uma discussão terminológica sobre *marxismo* ou *marxista* para nossa nova organização. Optamos pelo marxismo e passamos a denominar o grupo de Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME criado oficialmente - em 06/08/2007 - numa reunião na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Como divulgação pública lançamos a proposta de criação do Grupo como Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME no Congresso Nacional de Folclore em Fortaleza – Ceará em 21/09/2007, e propusemos junto à Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ um projeto para sua institucionalização na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro - FAETEC.

## **A atuação através da produção cultural do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME: o cinema**

Voltemos ao nosso contexto no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ. Num ambiente de violência simbólica absoluta e com as relações interpessoais esgarçadas a impossibilidade de um tratamento face a face, resolvemos iniciar uma atividade cineclubista voltada para discussão de questões políticas. Essa fase é marcada pelo início de uma produção e preocupação maior com o envolvimento dos alunos do curso superior, tanto nos aspectos internos de funcionamento do ensino superior na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro - FAETEC quanto aos relacionados às situações de irregularidade do curso junto ao Conselho Nacional de Educação – CNS e ao Conselho de Educação do Rio de Janeiro – CEE/RJ. Desse momento, destacamos a grande mobilização de alunos para as sessões de cinema que começamos a projetar, sem dúvida um grande movimento catalisador, senão o maior, que conseguimos de mobilização dos alunos para os problemas que nos afetavam em conjunto. Sua influência foi tão eficaz que chegou a envolver as escolas no entorno do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, por exemplo: o Colégio Estadual Prado Júnior<sup>15</sup>. Esse início do trabalho não significou uma completa ruptura com a lógica curricular do curso superior, mas não se pode negar uma modificação no cotidiano escolar, principalmente no que se refere ao início do aprofundamento do debate e da tomada de consciência dos alunos da real situação de oferecimento do ensino superior numa situação de completo caos administrativo.

O curso superior de formação de professores oferecido pela Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC apresentava uma qualidade técnica e curricular que não cumpria as exigências mínimas para o seu funcionamento. Seu projeto político pedagógico, é um exemplo de estrutura ancorada na justaposição de conteúdos nos padrões de um ajustamento de disciplinas para conseguir suportar na grade de horário um quantitativo muito grande de professores, sobretudo das professoras da educação básica desviadas de função<sup>16</sup>. Com o funcionamento do Cineclube as diferenças no cotidiano escolar começam a tomar corpo com a preocupação central de um diálogo com a incipiente organização política dos alunos, até então nunca tentada institucionalmente; e passam pela preocupação com a *erudição* – no seu sentido positivo de condição de classe, - deixar ou continuar a ser rude, e a investida teórica sob a ótica marxista, que nos levam, por exemplo, a seleção de títulos com temática política, mas apostando na diversificação analítica a partir de conceitos marxianos: trabalho, luta de classes, ideologia e alienação. Os primeiros filmes exibidos foram: "Alice no País das Maravilhas" de Walt Disney,

---

<sup>15</sup>. Nossa disposição foi tão intensa, que promovíamos sessões nos três turnos de funcionamento do ISERJ: manhã, tarde e noite.

<sup>16</sup>. Esse era um problema que tentávamos tratar a partir das sessões de cinema, ou seja, recortar um questão educacional e tratá-la sob a lógica de uma análise crítica de classe.



"Culpado por suspeita" de Irwin Winkler, "A Classe Operária vai ao Paraíso" de Elio Petri, "Rosa Luxemburgo" de Margarethe Von Trotta e "Machuca" de Andrés Wood. A dinâmica dessas sessões merecem em si uma análise na sua totalidade, mas que extrapolam o limite deste trabalho.

O Cineclube foi bastante atacado pela direção, ocupada nesse momento por uma professora da educação básica desviada de função no ensino superior, devido às características das sessões que promoviam um intenso debate sobre as condições de ensino na instituição, bem como estava agregando alunos externos do ensino médio entorno ao Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ e também alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, interessados em realizar o estágio docente da licenciatura no Colégio de Aplicação daquela instituição<sup>17</sup>.

Entretanto, muitos foram os que assumiram a produção das sessões do Cineclube<sup>18</sup>, preferindo construir suas percepções numa nova aposta de formação docente que era na verdade um desvendar de máscaras sociais, que encobriam a engrenagem de privilégios das professoras da educação básica desviadas de função no ensino superior.

Embora já estivéssemos exibindo e utilizando a análise fílmica em nossas aulas curriculares<sup>19</sup>, foi somente com a atividade regular do Cineclube que lançamos mão do instrumental cineclubista no seu caráter de resistência e de formação política.

Em síntese o mecanismo de funcionamento se dava através de um ciclo permanente de Cinema e Educação, em busca do reconhecimento da importância do filme como recurso para a dinamização do trabalho em sala de aula, e problematização de espaços formais e não formais de educação. Explorávamos a relação entre cinema e educação, demonstrando como o cinema pode agir como interlocutor do fenômeno educativo em filmes onde a política, a escola e/ou a educação, a cultura brasileira, a literatura e a religião são o tema e/ou problema. Apontávamos para a oportunidade de superar algumas ausências no cotidiano escolar do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ e inspirados pelas experiências dos antigos cineclubes que remontam à resistência cultural a ditadura militar pós-1964. A idéia de utilizar a exibição de filmes e sua discussão como opção pedagógica e cultural de alunos e professores do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ, e estender esta atividade aos professores da rede pública e privada e da comunidade em seu entorno, nasceu de uma necessidade de a partir da instituição onde estávamos construirmos uma

---

<sup>17</sup> No Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ é oferecido todos os níveis de ensino da creche ao ensino superior. Na educação básica - ensino fundamental e ensino médio - funciona um colégio de aplicação.

<sup>18</sup>. Na dinâmica do Cineclube passou a existir propostas de minicursos que aproximavam tanto os alunos do curso de formação de professores do ISERJ como os alunos da UERJ.

<sup>19</sup>. No início do projeto foi denominado CINENORMAL, e previa a utilização de filmes nas disciplinas de prática de ensino. Posteriormente sistematizamos a atividade num Cineclube de fato com toda a sua carga política.

crítica direta em relação à administração e ao mesmo tempo nos afastamos dela autonomamente pela produção coletiva do conhecimento.

Em direção aos/e com os alunos apresentávamos pelo cinema uma possibilidade de ampliação de referências educacionais e culturais, assim como uma atividade de lazer, mas também a instituição de um lugar privilegiado para uma visão crítica sobre o cotidiano escolar a partir do fazer/saber do cinema, atuando de forma plena na formação dos alunos, e sobretudo na formação inicial e continuada de professores para que se relacionem, olhem, vejam, escutem, leiam, signifiquem e produzam criticamente as imagens e as representações sociais ao seu centro e aos seus redores.

Numa avaliação posterior pudemos perceber que essa atividade foi uma das mais marcantes da nossa atuação no ensino superior do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ. Dos resultados, penso que entre os mais interessantes estão à incorporação pelos alunos da atividade como uma ação pedagógica permanente. Por outro lado, dos encontros do Cineclube pudemos nos alinhar com as influências e tendências claramente marxistas e, sem dúvida, essas escolhas nos destacaram no contexto do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC e por consequência com o jogo de forças políticas que sustentam o oferecimento desse modelo de educação no Rio de Janeiro.

No que se refere à ampliação dessa ação, já podemos ver manifesta preocupações e propostas bem mais elaboradas; claras iniciativas de mudança de rumo se impuseram ao grupo. Ao assumirmos uma orientação política definida, defendida por alguns dos professores, um início de conflito de interesses começou a se esboçar. Nesse momento se objetivam nossas pretensões de redimensionarmos o arranjo epistemológico das leituras e discussão do grupo, seja através da definição de optarmos pelo termo marxismo em detrimento do termo marxista, uma vez que nem todos tinham a disposição da militância política ou mesmo o interesse de divulgação externa a uma filiação marxista.

Enfim, não foi possível avançarmos para uma mudança completa, nem tampouco houve um retrocesso na disposição de enfrentamento com a direção do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, nem com a direção da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC. Mas esse novo rearranjo, sem dúvida, foi de caráter marcante e de grande importância para os desdobramentos futuros.

É fundamental ressaltar que o nosso projeto de criação do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME foi contemplado com financiamento público através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ em 15/10/2007. Como exemplo, do novo rearranjo

e tentativa de mantermos o grupo agregado, no mesmo edital, que contemplou a proposta de criação do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME, também apresentamos outra proposta voltada para o teatro e nucleada pelos interessados em produção cultural: o Laboratório de Antropologia do Teatro Infantil - LATIN. Essa proposta não conseguiu apoio de verba para sua instalação.

A despeito disso, assumimos a temática do teatro como importante também para nossa orientação política, com características de uma abordagem que contribuísse com a criação de possibilidades de intervenção; a idéia era de podermos ter um desdobramento do nosso trabalho político em outras unidades da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC, para não ficarmos restritos somente ao Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro - ISERJ. A proposta do Laboratório de Antropologia do Teatro Infantil – LATIN estava voltada para a Escola de Teatro Martins Pena - ETMP, mais uma iniciativa ligada também as nossas tentativas de encontramos um espaço de instalação para os Laboratórios, uma vez que a situação de permanência no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ estava insustentável por conta de uma perseguição política declarada. Temos que destacar também que não era mais possível uma convivência administrativa pois, já estávamos sem possibilidade de assumirmos turmas e com ameaças de agressões físicas com um caráter bastante acirrado.

Na verdade, o teatro progressivamente passou a ser um assunto de interesse limitado no tocante aos esforços de estudo e discussão, devido à dimensão que ocupou na nossa atuação as respostas às agressões administrativas, simbólicas e físicas.

### **A atuação através da produção cultural do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME: o teatro**

Nossas ações políticas passaram a serem marcadas pela busca do redimensionamento das características dos estudos até então empreendidos, a partir fundamentalmente de um aprofundamento teórico de base marxista, onde se destaca o estudo da Ideologia Alemã<sup>20</sup>. A escolha desse texto foi influenciada pelas discussões que vínhamos enfrentando, e objetivávamos recontar a história da formação docente no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ dando ênfase ao desvelar dos aspectos ideológicos que estiveram por trás de tal desenvolvimento e percurso.

Embora nossas leituras nesse momento não tenham significado uma importante mudança de enfoque, alguns problemas continuariam persistindo, além de um novo problema ter emergido:

---

<sup>20</sup>. MARX, Karl. A ideologia alemã. Rio de Janeiro: Editora Boitempo, 2007.

metodologicamente, no que se refere à História, sobretudo por termos no grupo dois professores que são historiadores de formação, e contrários ao fechamento do grupo no instrumental teórico e metodológico marxista.

A retórica do pioneirismo era sempre evocada para justificar a permanência de professoras da educação básica desviadas de função no ensino superior. Impactos indesejáveis sobre a avaliação do curso superior oferecido foram por vezes desconsiderados e obscurecidos, em nome da tradição que envolve ideologicamente a formação de professores no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ. Observa-se que, por vezes, tal desconsideração desdobrou-se em restrição ao debate público e à liberdade acadêmica: este é o caso quando processos administrativos e judiciais começaram a constranger a autonomia do nosso trabalho docente. Ainda temos que fazer o exercício de reflexão sobre as condições da possibilidade da autonomia docente no ensino superior dentro da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro - FAETEC, a partir do caso dos processos abertos contra os pesquisadores do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação - LEME que observaram e publicizaram efeitos indesejáveis tanto na formação docente oferecida quanto na impossibilidade de certificação dos alunos.

Afinal, dentro de um quadro cada vez mais aterrador, procuramos criar o grupo de estudos sobre antropologia teatral e antropologia do teatro, como forma de nos distanciarmos do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, e mantermos uma possibilidade de coerência com a relação entre educação e produção cultural.

Buscamos atingir a todos os que se interesassem por uma abordagem interdisciplinar de problemas relacionados ao mundo da prática teatral nas áreas das Artes Cênicas, Ciências Humanas e Sociais. Frente à complexidade das demandas de institucionalização do campo da Antropologia do Teatro e da Antropologia Teatral e da produção do conhecimento nestes domínios, a presente proposta objetivou instituir um espaço autônomo que articule a esfera acadêmica às práticas teatrais na contemporaneidade tendo por base a análise marxista.

O modelo escolhido foi o de Seminário Permanente com uma iniciativa de duplo alcance. De um lado, tratava-se de reunir professores, pesquisadores e alunos de Escolas de Teatro para leitura de textos fundamentais no âmbito das Ciências Sociais, da História e do Teatro que tratem da problemática da diferença cultural nas práticas teatrais e especificamente da encenação na história do teatro no Brasil evidenciada através do saber/fazer dessas disciplinas. De outro, pretendia-se que estas reuniões de leitura e discussão produzissem outros textos e pesquisas bibliográficas que tornassem possível a constituição de um acervo documental e informacional sobre o assunto, que subsidiassem as atividades das áreas de Teoria e História do Teatro no Brasil na Escola de Teatro

Martins Pena, e incentivassem pesquisas com estes recortes temáticos ancorados no instrumental do marxismo.

No início das atividades, foi selecionada uma literatura básica sobre a temática proposta e orientadas em duas direções. Em primeiro lugar, objetivou-se instituir um grupo de trabalho de aprofundamento teórico. Em segundo lugar, realizar a produção de textos coletivos de divulgação aos docentes e alunos como forma de atualização sobre o que está sendo discutido academicamente sob a luz da História e das Ciências Sociais na área de Teatro.

O Seminário Permanente de Estudos sobre Antropologia do Teatro e Antropologia Teatral, à medida que nossas leituras fossem amadurecendo, seria lugar, também, de diálogos com Professores renomados convidados a serem palestrantes, sempre e de forma incondicional, a partir de problemas suscitados pelas leituras e discussão do grupo.

Nessa direção nosso esforço inicial foi o de dar conta de uma bibliografia básica que nos ajudasse a refletir a partir das Ciências Sociais e da História, e tomar como referência a obra seminal de Jerzy Grotowski e Eugenio Barba sobre Antropologia Teatral, bem como o debate que propõe uma identidade particular para essa área em confronto à visão da antropologia do teatro proposta dentro da produção acadêmica de antropólogos. Partiremos, desta feita, das próprias sugestões de leituras apontadas por Jerzy Grotowski e Eugenio Barba para alcançarmos um futuro desdobramento crítico desta bibliografia a luz das teorizações, sobretudo de Bertolt Brecht.

No entanto, continuamos a nos submetermos a especificidades exteriores ao trabalho docente, além de nos preocuparmos em nos defendermos dos ataques diretos, sempre tão presentes em todos os momentos desde que assumimos o cargo de professores no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ; nossa ação política foi entendida como responsável por explicar o assédio moral através de processos, fato agravado por uma compreensão que parte da inversão da lógica entre público e privado.

### **Algumas considerações finais**

Essa comunicação, pretendeu identificar algumas especificidades na atuação dos professores do Laboratório de Estudos Marxismo e Educação – LEME nas propostas formuladas tomando o foco da produção cultural. A partir dessas considerações, apontaremos algumas sugestões, e esperamos retomar os caminhos a serem trilhados a partir de então, sobretudo com a dispersão do professores que felizmente conseguiram se exonerar do cargo na Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro – FAETEC, e hoje estão vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, à Universidade Federal

do Mato Grosso do Sul – UFMS e ao Colégio Pedro II. A vinculação com as teorias e discussões na área do marxismo, que em última instância determinaram a aproximação e formação do grupo também orientou a utilização de procedimentos metodológicos que ainda estão por serem redefinidos.

Sabemos que os recortes analíticos, voluntários, de ordem metodológica e epistemológica têm um peso fundamental na vinculação entre trabalho acadêmico, ação política e intervenção cultural. Ou seja a escolha dos nossos temas e objetos têm implicações sociais e políticas que devem ser claras. As percepções ideológicas tornam-se então mais potentes e mais ‘disciplinadas’ a medida do aprofundamento das leituras e discussões coletivas. Logo, estou centralizando a atenção na possibilidade de análise dos aspectos ideológicos, e na consideração da possibilidade de inferir e desvendar tais aspectos no interior das opções metodológicas e epistemológicas críticas através do marxismo.

É evidente que qualquer tipo de justificativa pautada no repensar das nossas ações políticas como grupo, que justificaria seu desenvolvimento ainda embrionário e sua fragilidade gregária, além de comprovar o nosso desconhecimento da produção teórica marxiana, não pode servir para dar opacidade à necessidade premente de superação qualitativa do que foi possível desvendar e construir. O respeito e a consideração pelo que fizemos não pode substituir ou impedir a rigorosa crítica permanente que devemos efetuar, sobretudo em novas escolhas de discussões e leituras que ancorem nossas novas ações.

Como vimos um exemplo disso foi facilmente identificável não só nas atividades ligadas ao cinema e ao teatro, mas também nas disciplinas ligadas a uma perspectiva crítica que formulamos assim que chegamos ao Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ. Logo, nossos alunos conseguiram compreender o sentido da nossa luta através de uma apreensão bastante próxima da realidade na qual estavam inseridos.

Outro ganho relativo nos estudos que realizamos foi a construção conjunta de olhares sobre os elementos da multiplicidade do real histórico que definem a formação de professores no contexto do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ, mas também contribuiu com possibilidades mais alargadas da compreensão da política para o ensino superior da sociedade brasileira. Não só por apontar problemas graves de organização pedagógica, mas por tematizar e por contribuir para a compreensão da complexidade histórica, como também indicar novos procedimentos para efetivar essa compreensão no âmbito da formação de professores.

Enfim, penso que experiências de organização de grupos numa perspectiva crítica e marxista têm muito a contribuir, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer de embates, lançando luz nas discussões que apreendam essas ações, e, diriam alguns, até mesmo contribuindo no perspectivizar de ações políticas mais eficazes. Mas não podemos esquecer de uma reflexão permanente que venha a coadunar com uma perspectiva transformadora do real, ao mesmo tempo em que devemos criar anteparos, de modo a permitir que inferências a priori ideológicas não obliterem a especificidade de sua contribuição.

Ora, sabemos que as reflexões sobre o vivido são uma seqüência de novas leituras do passado, plenas de perdas e incompletudes, falhas de memória e revisões, ocasionadas pela busca incessante da verdade e da objetividade. Trabalhar um pouco mais as contradições, nas fronteiras, com as ambigüidades e inexatidões talvez nos ajudem a nos aproximarmos de uma avaliação mais rigorosa do que se experienciou.

Devemos repensar um recomeço e uma medida acertada , como tentei apontar nesse texto, orientando nossos caminhos de ação política em consonância com os debates sobre o produto do trabalho intelectual marxiano. E, urgentemente, estabelecermos um diálogo aberto com outros grupos de estudo e pesquisa de perspectiva marxista e marxiana e encararmos essa possibilidade/necessidade, sob o risco de dificilmente nos aproximarmos mais efetivamente do alcance de nossos objetivos e contribuições.

E, quem sabe, num futuro próximo poderemos recensear a influência de Marx sobre nossos pensamentos e ações, como algo visível ao longo da nossa trajetória como professores e pesquisadores, ancorados numa maturidade intelectual que não permita que nossas ‘simpatias’ ideológicas comprometam a lucidez das análises das nossas ações e intervenções políticas e culturais.

Encerro, então, com Bertolt Brech:

Precisamos De Você.

Aprende - lê nos olhos,  
lê nos olhos - aprende  
a ler jornais, aprende:  
a verdade pensa  
com tua cabeça.

Faça perguntas sem medo  
não te convenças sozinho  
mas veja com teus olhos.

Se não descobriu por si  
na verdade não descobriu.

Confere tudo ponto  
por ponto - afinal  
você faz parte de tudo,  
também vai no barco,  
"aí pagar o pato, vai  
pegar no leme um dia.

Aponte o dedo, pergunta  
que é isso? Como foi  
parar aí? Por que?  
Você faz parte de tudo.

Aprende, não perde nada  
das discussões, do silêncio.  
Esteja sempre aprendendo  
por nós e por você.

Você não será ouvinte  
diante da discussão,  
não será cogumelo  
de sombras e bastidores,  
não será cenário  
para nossa ação

Nesse caminho no rumo de “*como mudar o mundo,*” ainda estamos no “*aí pagar o pato, vai pegar no leme um dia*”.

### **Bibliografia:**

**BAKHTIN**, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora da Unb, 1987.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

**GRAMSCI**, Antônio. *Cadernos do cárcere . Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

**HOBSBAWN**, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o Marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

**KARL**, Marx – *O Manifesto Comunista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*, livro 1o: O processo de produção do capital, Tradução de Reginaldo Sant’Anna, 6a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, 2 vol.



\_\_\_\_\_. *A Teoria da Mais Valia*, Tradução de Reginaldo Sant'Anna, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômicos Filosóficos*. (1844). São Paulo: Martin Claret, 2005

**TONÁCIO**, Glória de Melo. *O Processo de Criação do Curso Normal Superior no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e a sua Adequação em Curso de Pedagogia: a tradição como farsa* (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

